

Alemães indiferentes ao Rio+20 mas mobilizados para o futebol

O país que reclama o papel de líder da agenda ambiental da União Europeia está pouco interessado na agenda para a mudança climática e o desenvolvimento sustentável, que marcam o ano de 2012

Clima e economia Lurdes Ferreira, em Bona

A agenda internacional da mudança climática regressou ontem a Bona e a Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável (Rio+20) está quase a começar, mas delas não há sinais visíveis na Alemanha. O país que reclama a liderança europeia no ambiente tem, desta vez, coisas mais urgentes para tratar, admite Wolfgang Obenland, da Global Policy Forum, uma das organizações não-governamentais que acompanham as negociações.

No centro de Bona, os transeuntes não têm grandes certezas sobre o que será a conferência do Rio e nem sobre as centenas de governantes e negociadores de países estrangeiros que por estes dias passarão pela antiga capital para avançar no caminho de um novo acordo internacional sobre as alterações climáticas. A aparente indiferença dos *media* e da opinião pública alemã terá crescido com a ausência confirmada da chanceler Angela Merkel, que não vai ao Rio, mas irá uns dias antes ao México, à cimeira do G-20. Sendo uma explicação, não é porém a única. Obenland diz que “não é fácil explicar às pessoas por que a conferência do Rio é importante”, “não é um assunto urgente, porque o país não está em crise como outros”, apesar da crise do euro, e “foi dada tanta atenção mediática às negociações de Copenhaga [cimeira falhada do clima, em 2009] que as pessoas fartaram-se e não querem saber”. O modelo de discussão institucional não ajuda as opiniões públicas a distinguirem as diferenças, reconhecem técnicos, governantes e ONG. Em Copenhaga e em Bona discute-se alterações climáticas; no Rio o grande tema é a economia verde.

Há ainda, na sua opinião, uma outra razão: a coincidência com a fase final do campeonato europeu de futebol e o futebol “é importante” na Alemanha. O primeiro jogo é a 9 de Junho, contra Portugal, enquanto a fase final das negociações no Rio começa a 13 de Junho. Os quartos-de-final jogam-se a partir de 21 de Junho e a cimeira de chefes de Estado e de Governo no Rio, ponto alto da conferência, decorre de 20 a 22 de Junho.



No Rio vai discutir-se a economia verde e a erradicação da pobreza

Climáticas em nova ronda negocial

Eliminar o hiato entre o que os países estão a fazer e o que dizem que estão a fazer pelo clima está no centro de mais uma roda negocial da ONU, que começou ontem em Bona, Alemanha. Sobre a mesa, voltam a estar o futuro do Protocolo de Quioto, o seu eventual substituto e o apoio aos países mais pobres.

Nas próximas duas semanas, representantes de 181 países vão preparar o caminho para a próxima reunião climática da ONU, em Doha, Qatar, no fim do ano. A última reunião, em Durban, África do Sul, em Dezembro, lançou uma nova fase nas negociações para um novo instrumento legal para travar as alterações climáticas, a ser aprovado em 2015 e entrar em vigor após 2020. “Não há dúvida de que o início de um novo processo é apaixonante, mas também é incrivelmente difícil”, afirmou a secretária-executiva da ONU para o clima, Christiana Figueres, numa conferência de imprensa. O objectivo é encontrar uma forma de limitar a dois graus Celsius o aumento da temperatura global até ao fim do século. Mas com os compromissos assumidos até agora pelos países desenvolvidos, o termómetro irá subir 2,5 a 5,0 graus.

Christiana Figueres disse que os meios existem, mas que é preciso mais esforços dos países desenvolvidos e mais apoio para os países em desenvolvimento.

A extensão do Protocolo de Quioto – para mais cinco ou oito anos após 2012 – e avanço do Fundo Verde para o Clima, que prevê contribuições a subirem até 100 mil milhões de dólares anuais (78 mil milhões de euros) em 2020, são os outros pontos centrais na agenda. **R.G.**

Obama também não deverá aparecer. A Presidente brasileira, Dilma Rousseff, tem, em contrapartida, presença confirmada do francês Hollande e do russo Putin.

E se outros chefes de Estado e de Governo não vão ao Rio+20 é porque as discussões preparatórias “foram um desastre” e “não acreditam no sucesso da cimeira”, afirma Ulrich Kelber, o deputado do SPD que é a cara da oposição para a política ambiental e de energia. No caso de Merkel, “é errado não ir, mas também não seria de ir se não tivesse preparado o caminho”. E esse caminho teria sido preparado se, sublinha, a Alemanha tivesse “cumprido as promessas que fez nos últimos 10 anos, nas cimeiras”, acrescenta.

Bona acolhe, desde ontem e até ao próximo dia 25, uma nova ronda de negociações climáticas, para entrar no detalhe dos acordos anteriores, e é considerada decisiva para a cimeira do clima que se realiza de 27 de Novembro a 6 de Dezembro em Doha, no Qatar.

Já a conferência do Rio de Janeiro tem dois grandes pontos na agenda – a economia verde para o desenvolvimento sustentável e a erradicação da pobreza e, em segundo lugar, a reforma institucional do Programa das Nações Unidas para o Ambiente. Será “uma oportunidade para a Humanidade juntar-se 20 anos depois [da Eco-92]”, afirma um alto funcionário do Governo alemão.

A falta de expectativas para o Rio baseia-se no saldo dos trabalhos preparatórios. Dos 420 parágrafos inscritos, apenas 20 mereceram até agora consenso entre todas as partes e em resultado disso a agenda vai encolhendo. Entre desabafos de especialistas de que este é um processo “lento e frustrante” e de que “não vai haver resultados claros em cinco semanas” que restam, os prognósticos apontam para um limiar mínimo.

São esperadas 50 mil a 60 mil pessoas no Rio+20, mais de 100 chefes de Estado e de Governo – Passos Coelho confirmou ontem a sua presença – e mais de 1000 eventos paralelos. Apesar das decisões lentas e insuficientes, as Nações Unidas “continuam a ser o único sítio possível onde todos podem participar”, diz outro responsável.

A jornalista viajou a convite do Governo da Alemanha